
“ATA!”: O USO DE MEMES E VARIANTES ESPECÍFICAS DA LINGUAGEM DA INTERNET COMO POTÊNCIA PARA A PRÁTICA DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

“ATA!” THE USE OF MEMES AND SPECIFIC VARIANTS OF THE INTERNET LANGUAGE AS A BOOSTER FOR READING AND INTERPRETING IN PORTUGUESE LANGUAGE CLASSES

Gabriel Silva Xavier Nascimento¹

RESUMO

Apropriar-se das Tecnologias da Informação e Comunicação, em um contexto global em que a virtualidade ganha cada vez mais espaço nas relações cotidianas, constitui-se um dos desafios enfrentados pelos docentes de Língua Portuguesa. Nesse contexto, esta investigação objetiva fomentar reflexões sobre possíveis usos da linguagem presentes nos chamados memes, assumindo-os como recurso didático para as aulas de Língua Portuguesa. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, aqui apresentada na forma de relato de experiência. Como objetivos específicos, busca-se ainda: a) apresentar o conceito e relações de contexto dessas produções híbridas e; b) indicar, por meio de exemplos, as suas potencialidades enquanto recurso didático. Para isso, o corpus de análise é composto por: 1) publicações coletadas de redes sociais; 2) questões de avaliação; 3) relatos de alunos produzidos espontaneamente durante as aulas e registrados em diário de campo, e 4) diálogos entre mim e a classe transcritos a fim de complementar as análises. Os dados apresentados possibilitam reflexões e apontamentos sobre a potência do uso de memes, seja ao longo de aulas expositivas ou seja como instrumentos de avaliação de aprendizagem corriqueiros, abarcando aspectos formativos no campo das discussões sobre: formalidade, informalidade, variação linguística, análise e interpretação, além da potência argumentativa que emerge de forma dinâmica e imprime um caráter dialógico às aulas.

Palavras-chave: Memes. Dialogismo. Língua Portuguesa. Variante linguística.

ABSTRACT

Appropriating Information and Communication Technologies in a global context in which virtuality gains more and more space in daily relationships, constitutes one of the challenges faced by Portuguese teachers. In this context, this research aims to foster reflections on possible uses of the language present in the so-called memes, assuming them as a didactic resource for Portuguese classes. This is a qualitative research, presented here in the form of an experience report. As specific objectives, it is sought: a) to present the concept and context relationships of these hybrid productions and; b) to indicate, through examples, their potential as a teaching resource. In order to reach these objectives, this search's corpus is composed of: 1) publishing collected from social medias; 2) assessment questions; 3) students' reports spontaneous produced during classes and 4) transcript dialogs between me and the students in order to complement this analysis. The presented data allows reflections and notes on the power of memes use, whether during expositive classes or even ordinary learning evaluation instruments, covering formative aspects in the discussion field on: formality, informality, linguistic variation, analysis and interpretation, besides the argumentative potential that emerges dynamically and induces a dialogical character in the classes.

Keywords: Memes. Dialogism. Portuguese. Linguistic variant.

¹ Doutorando em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência, Doutorando em Educação Especial, Mestre em Educação – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo.

1. INTRODUÇÃO

Com impacto inegável e crescente nas redes sociais e em aplicativos de comunicação instantânea, os memes constituem recursos narrativos com teor crítico, humorístico e denunciativo oriundos de situações cotidianas e de conhecimento popular e/ou científico (SOUZA, 2014; HORTA, 2015). Ganham ainda mais força com a emergência e a popularização das novas *Tecnologias de Informação e Comunicação* – TICs, em um cenário em que a virtualidade intrínseca na internet molda novas formas de se relacionar socialmente.

Apesar disso, é comum que se deposite, sobre os memes, um juízo de valor que destoa, por exemplo, do atribuído às charges e aos *cartoons*, que são frequentemente empregados no ensino de línguas e na elaboração de questões de leitura e interpretação incorporadas em materiais didáticos, vestibulares e concursos em diversos campos do saber.

Ao contrário das charges e dos *cartoons*, recursos que relacionam textos verbais e não verbais ao cotidiano, aos memes, reserva-se, em geral, uma posição subalterna para análise e interpretação. Parte disso se deve ao fato de a linguagem empregada ser frequentemente carregada de informalidade, desvios da norma padrão da língua e, não raramente, termos considerados inapropriados em determinados contextos, como palavrões.

Esses desvios mencionados, e que marcam a produção de memes na atualidade, são frequentemente combatidos com entusiasmo nas redes sociais, desvelando, nas práticas discursivas dos opositores do uso de memes, uma perspectiva tradicional em relação à língua, que reforça a hierarquização da norma e condena suas variantes.

Neste sentido, é natural que o uso de memes em sala de aula seja recebido com surpresa por parte dos alunos, pela quebra de expectativa, já que veem, na figura do professor, a materialização da formalidade e rigidez. Simultaneamente, não é raro que seu uso seja condenado de modo velar ou não por

outros profissionais ao tomarem ciência desta prática, por considerarem apenas a camada de humor imbricada nessas produções e não se atentarem para os demais aspectos que demandam olhar analítico e crítico desse gênero textual, a fim de que se o compreenda.¹

Retomando a questão da recorrência dos memes nas redes sociais, a aversão em relação ao emprego do meme “*Ata*”, presente no título deste artigo, serve para ilustrar justamente esse juízo de valor negativo depositado nos memes. São diversos os tópicos postados em páginas da internet voltadas para o ensino da língua portuguesa, condenando seu uso e oferecendo explicações demasiadamente técnicas de que a escrita correta seria pela interjeição “Ah tá!” ou ainda mais formalmente “Ah, está!”, e reforçando que o termo “*Ata*” se refere exclusivamente ao tipo de documento em que se registra, por exemplo, deliberações de uma reunião de trabalho.

Esse tipo de posicionamento evidencia justamente a incompreensão em relação ao contexto de produção dos memes e emerge sob a máxima de que o uso da expressão desviante resultaria na reprodução do “erro” em outros contextos. Ora, partindo da compreensão da língua enquanto fenômeno vivo e, por conseguinte, em constante transformação, faz-se necessário refletir sobre até que ponto esta asserção encontra alicerces empíricos e teóricos, ou ainda, se apenas camufla uma postura que assume a língua como fenômeno estanque.

Sabendo disso, o que se desdobra a seguir, na forma de um relato de experiência, busca fomentar discussões que permitam localizar o gênero textual chamado “meme” enquanto recurso didático potente para as aulas de língua portuguesa. Assim, na seção “desenvolvimento”, busco elucidar o conceito de meme, o contexto de sua produção e suas relações com produções semelhantes como as *charges* e os *cartoons*. Em seguida, em

1 Exemplos podem ser encontrados nas páginas: **Dúvidas de Português** - <https://duvidas.dicio.com.br/ata-ah-ta-ah-ta-ou-ata/>, **Recanto das Letras** - <https://recantodasletras.com.br/gramatica/6423573> e **Língua Portuguesa: Ensino** - <https://www.facebook.com/professorgilmarluis/posts/1472806462752134/>.

“potencialidades didático-discursivas dos memes”, proponho reflexões a partir de: publicações coletadas de redes sociais; relatos de alunos produzidos espontaneamente durante as aulas e registrados por mim em diário de campo, bem como questões de avaliação; e diálogos entre mim e a classe transcritos a fim de complementar as análises, complementando com pequenos relatos espontâneos que demonstram reações de alunos de uma turma de Ensino Médio diante do uso de memes por um professor. Os relatos são retirados de notas breves registradas por mim em um diário de campo. Finalmente, em “*Considerações Finais*”, apresento possíveis contribuições dessas discussões para entender a potência dos memes nas relações de ensino e aprendizagem de língua portuguesa em contextos formais.

2. DESENVOLVIMENTO

O uso de imagens em produções textuais está para além do caráter estético. Seja em textos de humor, seja em produções poéticas, o emprego de recursos imagéticos catalisa a produção de sentidos, possibilitando a emergência de múltiplos significados, ideologias e interpretações que se apresentam tanto de forma individual quanto coletiva, tangenciando retomadas de referências e memórias.

Os memes, de modo geral, podem ser situados na categoria de humor gráfico, tal qual ocorre com as charges, *cartoons* e caricaturas. Distingui-los, no entanto, mostra-se uma tarefa mais complexa do que parece à primeira vista. A exemplo disso, podem-se citar os tipos de charges e caricaturas que deixaram de ser sinônimos, à medida que pesquisadores (GAWRYSZEWSKI, 2008; GALLOTTA, 1997; ARBACH, 2007) se debruçaram sobre elas e identificaram de forma consensual particularidades que as distinguem.

Por consenso, vale ressaltar que a distinção entre charge, *cartoon* e caricatura é algo consolidado entre pesquisadores de

imagens, mas isso não significa que não haja outras perspectivas que os unam em categorias únicas. Sobre isso, pode-se citar o exemplo de Abreu (2000, n.p. *apud* ARRIGONI, 2011, p. 2062) que reconhece características diferentes entre os três, no entanto, não vê sentido em separá-los a despeito disso. O autor considera ainda fatores como a inexistência da palavra “charge” na língua espanhola, de modo que os termos empregados majoritariamente passam a ser caricatura” e “caricatura política.

De forma objetiva, já que, dos quatro tipos de textos gráficos aqui mencionados, apenas o meme se constitui objeto de estudo nesta investigação, sintetizo, no quadro abaixo, as características principais da charge, do *cartoon* e da caricatura a partir de autores (GAWRYSZEWSKI, 2008; GALLOTTA, 1997; ARBACH, 2007) que se debruçaram sobre elas.

Quadro 1 - Gêneros gráficos.

CHARGE	CARICATURA	CARTOON
Normalmente composta por desenho único ou fotografia;	Predominância do exagero;	Atemporal;
Critica a fatos ou acontecimentos jornalísticos recentes ou ainda em evidência;	Externalização do perfil psicológico do sujeito;	Desvinculado de personagens ou eventos;
Critica humorística;	Instrumento de luta ideológica;	Humor universal;
Contextos histórico, político e cultural são determinantes para a compreensão.	Não visa necessariamente à crítica;	Expressão gráfica de uma narrativa humorística;
(GAWRYSZEWSKI, 2008)	Pode provocar riso ou não.	Podem recorrer a elementos de quadrinhos.
	(GALLOTTA, 1997)	(ARBACH, 2007)

Considerando as características expostas, é possível ter uma noção das nuances que nos permitem distinguir os três gêneros, o que não significa perder de vista suas semelhanças. Contudo, a complexidade de categorização que emerge de perspectivas como a de Abreu (2000, n.p) se deve especificamente à intencionalidade

da produção do gênero gráfico e não às características diferentes entre eles.

Os memes, por sua vez, despontam como um quarto gênero gráfico que assume propriedades polimórficas, isto é, menos rígidas de formulação. No que diz respeito à intencionalidade, o meme é ainda mais flexível. Quando se vale do humor para criticar determinados eventos, pessoas ou cenários cotidianos, ele se parecia com as charges; Quando emprega hipérboles, posiciona-se politicamente e faz retomadas de memória, parecia-se com a caricatura; e por fim, quando se desvincula do tempo histórico de produção, assume uma linguagem visual de cunho universal e estabelece narrativas, pareando-se com o *cartoon*.

Curiosamente, o conceito de meme não é assim tão recente, tendo sido cunhado por Richard Dawkins no livro “O gene egoísta”, em sua primeira edição de 1976. Partindo de uma abordagem evolucionista, o autor estabelece um paralelo entre cultura e genética, no qual o meme assume o lugar simbólico de “gene da cultura” que se perpetua por meio de seus replicadores, ou seja, as pessoas. Dawkins sugere que:

[...] um “meme de ideia” pode ser definido como uma entidade capaz de ser transmitida de um cérebro para outro. O meme da teoria de Darwin, portanto, é o fundamento essencial da ideia de que é compartilhado por todos os cérebros que a compreendem (DAWKINS, 2001, p. 217–218).

Seguindo a mesma ideia de perpetuação, universalização e enfatizando o caráter de imitação intrínseco aos memes, Blackmore (1999, p. 43) define o meme como “instruções para conduzir comportamentos, armazenados na mente (ou em outros objetos) e passados adiante pela imitação”.

Em consonância com essa perspectiva do meme enquanto prática de imitação (BLACKMORE, 1999), nota-se que a produção de memes independe de um determinado refinamento de talento artístico para desenho e organização estética. Isto porque os recursos visuais a partir dos quais eles são criados e replicados podem ser

empregados para produzir outros e outros, em múltiplos contextos, com auxílio de softwares e aplicativos que os produzem automaticamente a partir de modelos definidos, o que reforça a concepção de Dawkins (2001) enquanto gene cultural.

Ainda que o conceito não seja, de fato, recente, o florescimento em massa dos memes nas mídias sociais só é possível pelas facilidades pós-modernas atreladas à popularização da tecnologia que permite a emergência desse gênero polimórfico. Rajagopalan (2013, p. 50) ressalta que, na internet, “[...] a escrita, a fala e a imagem se mesclam de certa forma até pouco tempo atrás impensável [...]”.

Na busca por uma definição mais objetiva e moderna para meme, recorro a Guerreiro e Soares (2016, p. 186), autores que definem os memes como:

[...] criações dos próprios usuários que mesclam uma situação – que obteve destaque nas mídias e, de certa forma, tornou-se memorável e viral – com diversas frases cotidianas, que juntas complementam-se e acabam tendo um significado humorístico e irônico. Presente nas redes sociais, é destinado, comumente, para efeito de humor, porém, percebe-se também uma crítica social, política e cultural.

Os aspectos multimodais dos memes vêm despertando o interesse de pesquisadores de diversas áreas (FALCÃO, 2017, PERUZO ROCHA CAVALCANTE; LEPRE, 2018; COELHO; COSTA, 2018, ANDRADE, 2018) que enxergam nesse gênero discursivo potencialidades específicas para seu uso como estratégia didática e de problematização. Isso porque a versatilidade polimórfica dos memes não os restringe diretamente a um campo específico do saber; ao contrário disso, estabelece uma relação de replicação dos aspectos culturais humanos de modo abrangente, por meio da qual as concepções sobre determinados eventos e informações convergem para os mesmos pontos.

Esse compartilhar de informações culturais comum entre os pares pode ser mais bem compreendido ao se fazer uma aproximação com a perspectiva dialógica de

Bakhtin (1981), assumindo que o conhecimento se dá na dinâmica interativa situada em um dado contexto sócio-histórico carregado de matrizes de significações produzidas no entremeio da cultura. Em outras palavras, é na dinâmica com o outro, que os memes significam e ressignificam as informações, produzindo percepções mediadas pelo outro.

3. POTENCIALIDADES DIDÁTICO-DISCURSIVAS DOS MEMES

Considerando a macrovisão que evidencia a universalidade de linguagem visual imbuída nos memes e a construção de sentido na relação com o outro (COELHO; MARTINS, 2018), vale refletir de que forma essas produções de saberes, no dinamismo das relações, podem ser ressignificadas de modo a não serem suprimidas nas aulas de língua portuguesa, como frequentemente ocorre, segundo uma concepção tradicional de ensino e de língua.

Apresentarei a seguir uma seleção de memes de livre circulação na internet, todos eles foram retirados de pesquisas de imagens do Google usando os descritores: meme, meme + ciência, meme + língua, meme + escola no período de março a julho de 2019. Como critério de recorte, os memes escolhidos para uso e posterior análise foram os que aparecem prioritariamente em ordem de exibição das imagens considerando a métrica do próprio sistema de busca e que tinham relação direta com os conteúdos abordados em sala naquele período, tais como: polissemia, intertextualidade, variação linguística e ambiguidade. Essas escolhas tencionavam não somente estabelecer uma relação mais próxima com as discussões ao longo das aulas como também uma relação mais direta de reconhecimento, considerando o alcance das páginas fonte dos memes.

Ressalto que o caráter de replicação e de imitação já discutido a partir de Dawkins (2001) e Blackmore (1999) tornam difícil que se rastreie precisamente a origem dos memes para citação de autoria. Em alguns casos,

os produtores dos memes imprimem neles marcações de suas páginas nas redes sociais; em outras, apenas replicam o conteúdo, alterando o texto verbal. De qualquer modo, todas as imagens são de domínio público e contam com *hiperlinks*, portanto, não se assume aqui a autoria de nenhum dos memes utilizados como exemplos e todas as suas respectivas fontes estão referenciadas.

3.1 Potencial de ressignificação sócio-histórica

O meme que aparece no título desta pesquisa ainda circula com frequência nas diversas redes sociais. Aqui o tomo como exemplo de produção gráfica regularmente incompreendida por acadêmicos e combatida naqueles mesmos espaços. Por isso pode ser utilizado como ilustração do processo de ressignificação do termo *ata* na dinâmica das redes sociais.

Na composição acima, é possível identificar em (1) a publicação original da ilustração de Maurício de Souza na capa de um almanaque impresso e publicado em 2004. Na figura (2), tem-se a produção de um meme que replica a ilustração original modificando seu contexto e adicionando o termo “ata”. Por fim, na figura (3), tem-se uma das postagens de uma escola privada que oferece cursos específicos direcionados para concursos públicos.

Retomando a ideia de *replicação e imitação* (BACKMORE, 1999), nota-se a reprodução da ilustração original com omissões. A ideia não é produzir e comercializar uma nova obra ou arte, mas aproveitar a produção de sentido que assoma da expressão facial da personagem Mônica para indicar sarcasmo e deboche em relação a alguma informação que o interlocutor considera irrelevante por sua obviedade, ou ainda demonstrar desinteresse e preguiça de contra-argumentar. Além disso, “ata” é empregado de modo intencional, retomando a entonação sonora para o reconhecimento do sarcasmo.

Figura 1 - Composição de resignificação.



Fontes: 1. SOUZA, 2004; 2. Passatempo: publicar meme: <https://bityli.com/qFkeM>. Acesso em 20 jun. 2020; 3. Gran Concursos Online: <https://bityli.com/Xd4Vd>. Acesso em 20 jun. 2020.

Não se trata, portanto, de um desvio da norma padrão da língua. Toda a construção é pensada para produzir significado com os interlocutores que compartilham do mesmo sentimento. Assim, sugerir uma correção a partir do meme denota desconhecimento em relação ao contexto em que ele foi produzido, desprende-se do potencial de resignificação verbal e evidencia uma hierarquização da norma de forma estanque.

O meme poderia ser reproduzido com adição ou supressão de elementos ou frases de efeito, o que implicaria uma nova produção de sentido que, quando compartilhada, seria replicada por uns e resignificada por outros, de acordo com acontecimentos e pessoas situadas em um dado momento sócio-histórico.

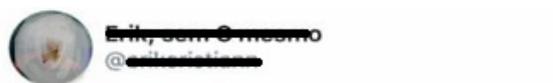
3.2 Potencial discursivo sobre os aspectos de formalidade e informalidade na língua

De modo geral, o contexto acadêmico demanda a utilização da norma padrão da língua. Isto é, ainda que os professores reorganizem currículos, adotem estratégias que considerem as questões de preconceito linguístico e incentivem pesquisas relacionadas às variantes da língua, provas, redações, vestibulares e outros instrumentos de avaliação e seleção requerem que o aluno saiba valer-se da norma padrão.

A ideia é a de que os alunos sejam capazes não somente de reconhecer as variantes, mas de alternar os usos entre elas, de acordo com as especificidades da produção. Naturalmente essa discussão esbarra em questões teórico-metodológicas mais complexas e que merecem aprofundamentos e investigações.

Porém, a ideia de que o uso da linguagem variante do meme resultaria necessariamente na reprodução do desvio da norma em produções solicitadas em contextos formais, como redações, trabalhos técnicos e avaliações, pode não se sustentar diante de memes como o exemplificado a seguir.

Figura 2 - Meme formalidade e informalidade.



Eu na redação: é indubitável, é incontrovertível, baluarte, no que tange, nuances, imbróglis.

Eu na internet: gemte vcs foro lá?

Fonte: Universitrouxa <https://bityli.com/p00fY>. Acesso em 20 jun. 2020.

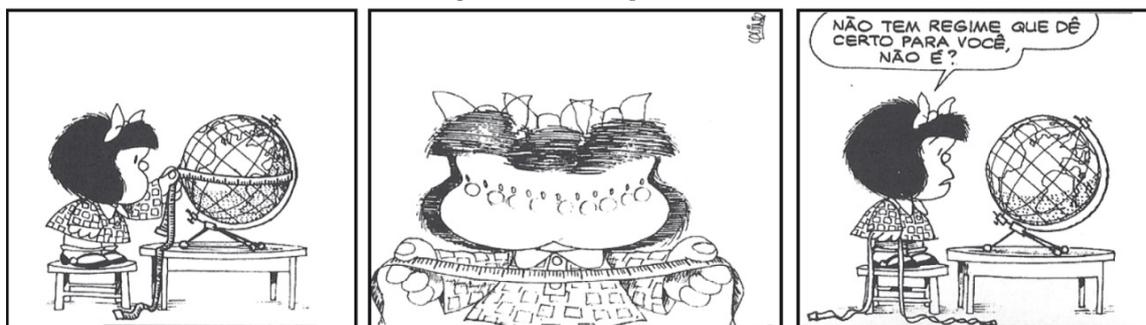
Tanto quem produziu quanto quem replicou o meme demonstra justamente, com ironia, a capacidade de compreender e alternar os usos de linguagem, conscientemente, entre a norma padrão e a norma não padrão. O meme da Figura 2 também

Figura 3 - Polissemia e ambiguidade.



Fonte: Esse alguém: <https://bitly.com/t7Dmd>.
Acesso em 20 jun. 2020.

Figura 4 - Mafalda e polissemia.



Fonte: Quino (2008, p. 194).

revela o potencial de emprego de figuras da linguagem como sarcasmo, ironia ou hipérbole. Vale problematizar então o que se pretende com elas ou de que forma essas figuras de linguagem têm sido trabalhadas no currículo escolar formal, isto é, se o objetivo é a memorização delas enquanto categoria formal ou a internalização das suas funções para produção e expressão, ainda que seus usuários tenham dificuldades em nomeá-las enquanto categoria.

3.3 Potencial polissêmico para produção de humor

A compreensão do sentido contextual ou polissêmico é papel dos estudos semânticos e pragmáticos, caros para a produção e interpretação de textos diversos. Os efeitos de polissemia são frequentemente empregados

para produção de humor e marcam não somente os memes, mas também as charges e *cartoons*.

Quadro 2 - Questão de prova.

Dentre os aspectos básicos da linguagem, a multiplicidade de sentidos dados às palavras de modo contextual, chamada polissemia, representa uma potência criativa presente no uso corrente das línguas naturais. Sabendo disso, o efeito de humor no meme abaixo decorre:

- da ilustração expressiva que recorre a traços humanos;
- da multiplicidade interpretativa oriunda da expressão “pegar a gata”;
- da ausência de ambiguidade e clareza no discurso;
- da advertência cuidadosa direcionada a “Ana”;
- do caráter denunciativo do meme, afinal roubar é crime.

Fonte: acervo do autor.

O meme e a charge acima foram aplicados em uma avaliação bimestral em uma turma de 38 alunos do primeiro ano de um curso técnico integrado ao Ensino Médio, após sequências didáticas com discussões sobre polissemia, ambiguidade e produção de humor. A questão foi organizada em duas colunas, estando o meme e a charge na primeira coluna e a seguinte questão na segunda.

Dentre as questões elaboradas, esta integra o grupo de questões consideradas de fácil resolução. Ao aplicá-la em uma prova, a expectativa era que 100% dos alunos marcassem a alternativa b- como correta. O gráfico abaixo evidencia como eles reagiram à questão.

Figura 5 - Relação número de alunos x alternativas escolhidas.



Fonte: Acervo do autor.

Na semana seguinte, ocorreu a vista de prova, momento em que as questões são comentadas e os alunos evidenciam suas dificuldades. De forma dinâmica, a sala foi disposta em círculo, no intuito de que todos pudessem se ver e debater as respostas, enquanto eu, na posição de professor, mediava as discussões.

Solicitei que ao menos um dos seis alunos que haviam marcado a alternativa “a” expusesse seu raciocínio; enquanto isso, tomei notas no diário de campo. Apresento a charge (Figura 4) empregada na avaliação e um recorte editado da discussão observada entre dois alunos, os quais chamarei de Poli 1, Poli 2, e minha intervenção, nomeada de Prof.

Nesse recorte, algumas asserções merecem atenção. Primeiramente a evidência de um juízo de valor consolidado sobre os memes. Ainda que a questão traga a

combinação meme/charge-conteúdo-análise,

Quadro 3 - Dialogando com os alunos.

Poli 1 - Para mim, a expressão dos personagens que provoca a graça.
 Poli 2 - É sim professor, não pode colocar meme na prova, não é coisa de prova, eu fiquei rindo.
 Prof - Tudo bem achar engraçado, a da Mafalda também é engraçada né?
 Poli 2 - Não é não, eu não entendi direito a Mafalda.
 Prof - Mas entendeu o meme?
 Poli 2 - Eu entendi!
 Poli 1 - Achei que tinha entendido, mas se tá errado não entendi né [risos].
 Prof - Então, agora vocês já sabem que a alternativa b é a correta... conseguem me explicar por quê?
 Poli 2 - Ué, porque tem a frase lá que ele fala “pegar a gata” que era tipo, pegar sabe, dar uns pegas [risos]...
 Poli 1 - Isso! Namorar!
 Poli 2 - E tem o pegar de roubar o animal, ele achou que ia roubar a gata... nossa!
 Prof - Pois é... agora se vocês notarem na charge da Mafalda ela também brinca com a palavra pegar.
 Poli 1 - Mafalda é chata, parece sempre coisa de política, governo, não entendi.

Fonte: acervo do autor.

Poli 2 indica que o meme não deveria estar ali. O meme é diretamente relacionado à informalidade e destoa da rigidez comum nas análises textuais. Tanto que a mesma crítica não é feita em relação a charge da Mafalda, na qual se analisa o mesmo efeito de polissemia. Em contrapartida, a charge da Mafalda é tachada ou rotulada de chata, pela formalidade e complexidade da abordagem.

Ao retomar a análise da questão, eles chegam à conclusão do porquê de a alternativa b ser a correta. A interjeição “nossa”, na última fala de Poli 2, é um indicador de compreensão estabelecida na interação entre nós três.

Vale a pena investigar até que ponto o caráter informal do meme implica a resolução de questões de interpretação com conteúdo gramatical. Se considerarmos que a charge e o *cartoon* são imbricados de efeito de humor, a ideia de o meme ser engraçado e inapropriado perde o sentido e corrobora o lugar subalterno em que os memes foram alocados em comparação com outros gêneros

gráficos. Apesar dessas problematizações, a relação do meme e a questão de verificação de aprendizagem denotam que memes, charges e *cartoons* podem ser empregados com as mesmas potencialidades em questões de interpretação.

3.4 Potencial de intertextualidade e inferência

Outra questão pontual em exercícios de leitura e interpretação ocorre nos estudos sobre intertextualidade (LEFFA, 1999, ALÓS, 2006; FIORIN; SAVIOLI, 2000). Espera-se, como parte da compreensão do que se lê, que o leitor dialogue com o texto, faça inferências e reconheça diversos outros textos imbricados nele, isto é, estabeleça uma relação dialógica com o texto e construa sentido, interagindo com ele e perpassando as próprias experiências de aprendizagem.

Em diálogo com os alunos, após intensas discussões e exposições de exemplos sobre intertextualidade, projetei uma foto da icônica capa do disco “Abbey Road”, dos Beatles. Em seguida, projetei uma ilustração que imita a capa do disco colocando os personagens da animação “Os Simpsons” no lugar dos roqueiros. As reações de percepção sobre a relação entre as duas foram imediatas, sobretudo por terem sido postas em sequência.

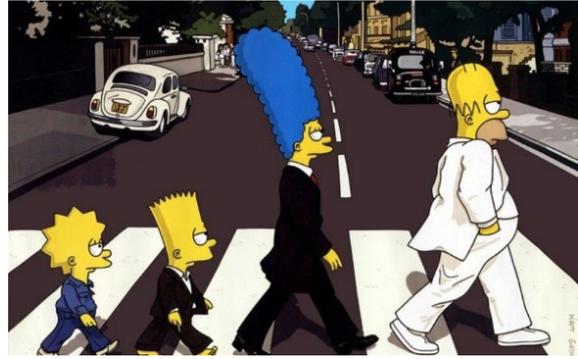
Figura 6 - Capa do álbum dos Beatles.



Fonte: Amazon: <https://bityli.com/0dtlH>. Acesso em 20 jun. 2020.

Feito isso, projetei o meme abaixo e

Figura 7 - Meme Simpsons/Beatles.



Fonte: Techtudo: <https://bityli.com/5Po6v>. Acesso em 20 jun. 2020.

solicitei que redigissem um breve parágrafo, no qual apontariam suas impressões, quais elementos intertextuais tinham sido percebidos e os desvios de elementos formais da língua portuguesa. Apresento abaixo a transcrição de dois parágrafos produzidos pelos alunos que chamarei de Inter 1 e Inter 2.

Figura 8 - Meme e intertextualidade.

LGBTQ+ é quando um gay perde um elétron?

7.687

979 comentários

Fonte: Ponte para Chernobyl: <https://bityli.com/g9LiJ>. Acesso em 20 jun. 2020.

Quadro 4 - Produção dos alunos.

É uma piada que relaciona a sigla da comunidade LGBTQI+ com Química. Na química aprendemos que o átomo perde elétron (que é negativo) então fica com carga mais positiva. Só que o contexto é diferente, ele mistura Química com a comunidade gay, ali o símbolo + não significa oposto de negativo, significa adição porque na sigla tem outras letras. Não é linguagem padrão do português, porque é meme.

Inter 1

Eu me lembrei das aulas de Química e Física porque lá estudamos sobre prótons (que são positivos e elétrons (que são negativos). No meme tem duplo sentido, o mais ali eu acho que indica que tem mais gente, porque antigamente falavam GLS, mas mudou porque tem outros grupos, aí pra não ficar grande demais colocam o + que é outras pessoas. Mas o significado muda, eu acho que isso é intertextualidade porque ele coloca assunto de Física e Química dentro de outro tema tipo Sociologia, mistura as coisas. Como é meme, não precisa de ponto de interrogação, porque na internet a gente fala assim é mais rápido.

Inter 2

Fonte: acervo do autor.

Ambos os alunos demonstraram boa capacidade em exercitar a percepção sobre os elementos de intertextualidade. Em todas as propostas recolhidas, os alunos conseguiram apontar de forma razoavelmente elaborada a relação intertextual entre o símbolo + expresso na sigla LGBTQ+, conceitos da Física/Química, e realizar outras inferências sobre os dois. Em diversos casos, houve preocupação de que o meme soasse homofóbico. Sobre isso, foi apresentado para eles a fonte de reprodução do meme, que produz conteúdo de humor voltado para a comunidade LGBTQI+.

Essa reação diante do conteúdo do meme mostra-se positiva por aguçar o sentido crítico e um comportamento com indícios de cautela sobre o que compartilhar ou não nas redes sociais, pensando nos desdobramentos disso. Essa consciência crítica autorreguladora é também um indicador consciente da produção de sentidos em produções escritas ainda que sejam em memes.

A relação com os conteúdos abordados na Química e Física e a menção à Sociologia reforçam a ideia de retomada de memórias e experiências pessoais discutidas anteriormente e ilustra o caráter intermodal (BOCCIA, 2012, p. 8) e interdisciplinar que pode ser potencializado pelo uso dos memes. A produção de sentido e humor só foi possível pelo acesso que tiveram aos conhecimentos prévios dessas respectivas disciplinas.

3.5 O potencial de percepção da comunicação não verbal

Ao considerarmos o meme enquanto gênero textual gráfico, assim como o são a charge, o *cartoon* e a caricatura, delineamos também o potencial comunicativo imbricado nele que extrapola a comunicação verbal.

Assim como no exemplo do meme "Ata", a adição ou supressão de elementos visuais, ainda que partindo da réplica de outros memes, produz sentidos diversos associados à expressão de sentimentos e às reações diante de determinadas situações.

A situação-contexto apresentada no

Figura 9 - Aspecto não verbal do meme.

Professor: "não levem para o lado pessoal, é só um debate!"

-Eu olhando para o grupo rival



Fonte: Saca só essa história - <https://bityli.com/YIYM4>. Acesso em 20 jun. 2020

meme acima tem seu sentido completado pelo foco na expressão da cantora Anitta. Na ausência do texto verbal, a imagem da cantora indica uma reação possível diante de uma situação tensa, como um debate, em que há uma sensação de disputa e rivalidade.

Não se trata aqui de uma alternativa de divulgação ou crítica em relação à artista, ela poderia ser substituída por outra pessoa com expressão semelhante. Vale-se da expressão facial dela para reproduzir diretamente, no interlocutor, uma retomada de memória em relação a esses sentimentos.

A replicabilidade e ressignificação do meme possibilitam infinitas reconstruções, bastando alterar o texto verbal ou adicionar um elemento visual que pode ser algum outro personagem.

Essa percepção sobre o recurso não verbal carregado de sentido é comumente trabalhada por meio de questões e exercícios comparativos de caráter intersemiótico, como um livro e um filme, um poema e uma música, uma pintura e texto etc. Desse modo, o meme mostra-se como mais um recurso intersemiótico que pode ser incorporado às análises.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões aqui apresentadas representam um encaminhamento possível na busca de situar o gênero híbrido meme

enquanto ferramenta na didática das aulas de língua portuguesa. Por sua vez, os potenciais: discursivo, intertextual, inferencial, polissêmico e de percepção não verbal sinalizam a carência por novas investigações ou aprofundamentos à medida que os memes ficam cada vez mais integrados ao cotidiano.

A exemplo desses aprofundamentos, citam-se trabalhos inovadores como os estudos sobre impactos e implicações dos memes na difusão cultural de Waizbort (2003), a proposta de taxonomia de memes em Web blogs de Cunha Recuero (2007), ou, ainda, Escalante (2016), na busca por evidenciar o potencial linguístico e comunicativo imbricado nos memes.

Este relato de experiência pode contribuir para o repensar sobre o lugar dos memes no contexto educacional, suas possibilidades de uso e de integração. Se assumimos que a língua é viva, faz-se necessário assumir também os novos caminhos comunicativos que se abrem à medida que seu uso, favorecido por recursos tecnológicos, se transforma.

A realidade de comunicação visual está posta: memes, figurinhas, ilustrações e novas produções não verbais centralizam as ferramentas de comunicação nas redes sociais. Assim, pensar o ensino da língua portuguesa requer, nesta realidade, considerar a articulação entre esses recursos visuais e o próprio uso da língua. Nesse sentido, faz-se necessário realizar novas discussões que apontem para a necessidade de romper com os processos de hierarquização entre determinadas produções textuais.

Para além disso, novas investigações acerca dos efeitos de trazer o meme para sala de aula e explorar suas potencialidades podem revelar estratégias de manutenção e ampliação da relação professor-aluno, acompanhando a emergência de novas tecnologias. Não se trata, obviamente, de transformar tudo em meme ou usá-lo pedagogicamente de modo forçoso. Transformações didático-metodológicas, sobretudo aquelas relacionadas à língua, ocorrem de modo gradativo e em acordo com os falantes da língua.

Enfim, o potencial linguístico, analítico e interpretativo incrustado nas produções de humor poderá, no mínimo, propiciar uma aprendizagem menos rígida e mais voltada para o caráter dinâmico da língua.

REFERÊNCIAS

ALÓS, Anselmo Peres. Texto literário, texto cultural, intertextualidade. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. V. 4, n. 6, março de 2006.

ARBACH, Jorge Mtanios Iskandar. **O fato gráfico: o humor gráfico como gênero jornalístico**. Tese de doutoramento em Ciências da Comunicação São Paulo: USP/SP, 2007.

ABREU, Carlos. Dibujo satírico, dibujo humorístico, chiste gráfico y caricatura. In: **Revista Latina de Comunicación Social**, número 36, La Laguna (Tenerife), 2000.

AMAZON. **The Beatles - Abbey Road**. [s.d.]. 1 fotografia. Disponível em: <https://bityli.com/0dtlH>. Acesso em 20 jun. 2020.

ANDRADE, Regina. **Dicas ortográficas 38 (ah tá – ata)**. [S.l.]: Recanto das Letras. 2018. 1 texto. Disponível em: <https://recantodasletras.com.br/gramatica/6423573>. Acesso em 20 jun. 2020.

ANDRADE, E. “Monalisa, melhor não escrever isso...”: memes em (des)construções. **Revista Observatório**, v. 4, n. 1, p. 145-166, 1 jan. 2018.

ARRIGONI, Mariana M. **Debatendo os conceitos de caricaturam charge e cartum**. III Encontro Nacional de Estudos da Imagem. Londrina, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.

BLACKMORE, Susan. **The meme machine**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

BOCCIA, Leonardo. Leituras da composição somático-digital: culturas e sonoridades. In : **Desafios intermodais – leituras da composição analógico-digital, culturas, memórias e sonoridades**. RIOS, J. ; BOCCIA, L. ; SÁ, N. C. (Org). Simões Filho :Kalango, 2012. p. 7-9.

CUNHA RECUERO, Raquel. Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia. In: **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, n. 32, p. 23-31 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2007.

COELHO, C.; COSTA, B. M. S. Rastros da Senzala nos memes de internet. In: II Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 2018, Goiânia. **Anais do Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2018. p. 929 - 941.

COELHO, Clícia; MARTINS, Raimundo. Memes de internet, visualidades e discurso humorístico. *Revista Digital do LAV, Santa Maria: UFSM*, v. 11, n. 1, p. 121-139, jan./abr. 2018.

DAWKINS, Richard. O gene egoísta. **Coleção O Homem e a Ciência**, volume 7. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001.

DÚVIDAS DE PORTUGUÊS: dicio. **Ata, ah ta, ah tá ou atá**. [s.d.]. 1 verbete. Disponível em: <https://duvidas.dicio.com.br/ata-ah-ta-ah-ta-ou-ata/>. Acesso em 20 jun. 2020.

ESCALANTE, P. R. P. **O potencial comunicativo dos memes**: formas de letramento na rede digital. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

FACEBOOK. **Este é alguém**. 1 postagem. Disponível em: <https://bityli.com/t7Dmd>. Acesso em 20 jun. de 2020.

FACEBOOK. Língua portuguesa: ensino: @gilmarluis. **Atá x Ata x Ah, tá..** Disponível em: <https://www.facebook.com/professorgilmarluis/posts/1472806462752134/>. Acesso em 20 jun. 2020.

FACEBOOK. Passatempo: publicar meme. **Ata**. 7 mar. 2019. 1 postagem. Disponível em: <https://bityli.com/qFkeM>. Acesso em 20 jun. 2020.

FACEBOOK. Jonatham Mayer. **Ponte para CHERNOBYL**. 25 fev. 2020. 1 postagem. Disponível em: <https://bityli.com/g9LiJ>. Acesso em 20 jun. 2020.

FACEBOOK. Saca só nessa história. **Professor**:

não levem para o lado pessoal [...]. 29 ago. 2019. Disponível em: <https://bityli.com/YIYM4>. Acesso em 20 jun. 2020.

FACEBOOK. Universitrouxa. **Eu na Redação**. 14. Mar. 2019. Disponível em: <https://bityli.com/p0OfY>. Acesso em 20 jun. 2020.

FALCÃO, Thiago Henrique de Oliveira. **Memes, textões e problematizações**: sociabilidade e política a partir de uma comunidade de LGBT universitários no Facebook. 2017. 1 recurso online (190 p.). Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/322133>. Acesso em: 23 jun. 2020.

FIORIN, J. L. & SAVIOLI, F. P. **Para entender o texto**: leitura e redação. 7. ed., São Paulo, Ática, 2000.

GALLOTTA, Brás Ciro. **São Paulo aprende a rir**: a imprensa humorística entre 1829-1876. São Paulo: PUC/SP. Tese de Doutorado em História Social, 2006.

GAWRYSZEWSKI, Alberto. Conceito de caricatura: não tem graça nenhuma. In: **Revista Domínios da Imagem**, n.2, maio, Universidade Estadual de Londrina, 2008.

GUERREIRO, Anderson. SOARES, Neiva M. M. Os memes vão além do humor: uma leitura multimodal para a construção de sentidos. **Revista Texto Digital**, v. 12, n.2, 2016.

GRAN CONCURSOS ONLINE - CONCURSOS PÚBLICOS. Facebook. Disponível em: <https://bityli.com/Xd4Vd>. Acesso em 20 de jun. de 2020.

HORTA, Natália Botelho. **O meme como linguagem da internet**: uma perspectiva semiótica. 2015. 191 f., il. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

LEFFA, V. J. Perspectivas no estudo da leitura: texto, leitor e interação social. In: LEFFA, Vilson J.; PEREIRA, Aracy, E. (Orgs.) **O ensino da leitura e produção textual**: alternativas de renovação. Pelotas, Educat, 1999.

PERUZZO ROCHA CAVALCANTI, Denise; LEPRE, Rita Melissa. Utilizando memes como recurso pedagógico nas aulas de História. **CIET: EnPED**, [S.l.], maio 2018. Disponível em: <<https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/746>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

QUINO. **Toda Mafalda**. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 194) Disponível em: http://mate-magica-eat.blogspot.com.br/2013_09_01_archive.html. Acesso em 20 de jun. de 2020.

RAJAGOPALAN, K. Como o internetês desafia a Linguística. In: SHEPHERD, T. G; SALIÈS, T. (Orgs.). **Linguística da Internet**, São Paulo: Contexto, 2013.

SOUZA, Humberto da Cunha Alves de. Memes(?) do Facebook: reflexões sobre esse fenômeno de comunicação da cultura ciber. In: **Revista Temática**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Ano X, nº. 07, jul. 2014. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>. Acesso em 20 de jun. 2020.

SOUZA, M. **Almanaque da Mônica**: reedição das melhores histórias da Mônica, n.104. Editora Globo, 2004.

TECHTUDO. **Os Simpsons na Abbey Road**. 28 mai. 2019. 1 desenho. Disponível em: <https://bityli.com/5Po6v>. Acesso em 20 de jun. 2020.

WAIZBORT, Ricardo. Dos genes aos memes: A emergência do replicador cultural. **Episteme**, Porto Alegre. Número 16, p.23-44, jan/jun. 2003.